



José Gabriel Ávila*
jgazores@gmail.com

Autonomia tem novos desafios

“Chegou a altura de os decisores nos apresentarem novas ideias e novos caminhos para o desenvolvimento integral e sustentável da humanidade, onde o ambiente, a natureza e as pessoas sejam o objetivo primeiro de uma sociedade alicerçada na liberdade, na justiça, na solidariedade e na paz.”

1. - Mais um Abril foi celebrado, sobretudo por muitos que viveram a imposição do silenciamento e do obscurantismo em que Portugal emergiu durante a ditadura salazarenta que alimentou a guerra colonial fratricida.

Celebrou-se a Alvorada das liberdades individuais e coletivas, a reafirmação dos direitos humanos sesteios da Democracia.

Ao contrário dos primeiros anos celebrativos, começa já a ignorar-se temas existentes na sociedade portuguesa que afetam milhares de cidadãos: desigualdades sociais, pobreza e a injustiça social, agora tratados com devaneio e soluções extremistas pelos novos corsários políticos.

Fala-se agora de resiliência da economia e do desemprego, mas numa visão economicista, liberal, meramente produtiva, como se as pessoas fossem peças de uma engrenagem descompassada pela pandemia.

Repete-se, à exaustão, a avidez do empresariado abrir portas, retomar negócios, não com uma perspetiva global e social, mas apenas como fito de faturar para repor prejuízos derivados do confinamento. Nunca como agora os representantes patronais exigiram do Estado tanta subsidiação às empresas e nunca como agora se ignorou tanto o apoio social às famílias, aos idosos e aos desempregados, que ficaram à mercê da benemerência de gente anónima, consciente das suas responsabilidades coletivas.

Enquanto isto, aqui e ali, alguns velhos comerciantes rurais dão conta de que a vida e a saúde são mais importantes que os prejuízos, denotando uma mentalidade antiga baseada em valores que parecia já não existirem e que poderão ser o suporte da nova e tão reclamada e conomia solidária.

Parece haver, porém, um longo caminho a percorrer para resistir ao restabelecimento do neoliberalismo, da produção desmedida e excedentária de bens que ameaçam a sustentabilidade ambiental e a vida em geral.

Aqui nos Açores, impõe-se repensar para onde vamos e encontrar as melhores saídas para um a nova economia.

Em alguns setores, nomeadamente na agricultura e pecuária, há sinais de que as preocupações ambientais e ecológicas levarão a produzir bens alimentares de melhor qualidade e valor, recorrendo a processos antigos e muito usuais para o tratamento de terrenos agrícolas. Há muito se deveria ter enveredado por aí.

Chegam também aos Organismos Regionais posições de cidadãos contra projetos visando a construção de unidades hoteleiras de grande dimensão, com recurso a fundos europeus e que só serão viáveis com o turismo de massas que a população açoriana rejeita.

O facto de os Açores estarem na moda -e oxalá, continuem! - não justifica uma abertura desbragada a investimentos que contrariem opções que lesam o património ambiental e permitem uma carga turística a que as nossas ilhas não resistem e os residentes já contestam.

No turismo, como noutros setores de atividade, não vale tudo para recuperar o capital investido. Há que ter



bom senso e praticar salários justos, sem os quais não há trabalhadores competentes e dedicados. A matéria compete aos sindicatos defender junto do patronato sob pena de se desencadarem conflitos laborais que desembocam na barra dos tribunais competentes.

Produzir mais e mais em terra e no mar, deixará de ser uma boa estratégia económica. Os consumos excessivos penalizam a qualidade ambiental e permitem o surgimento de doenças como a que estamos vivendo.

Há muito aguardo que estas reflexões entrem na agenda dos decisores públicos e privados, bem como a tão preocupante questão do envelhecimento e perda da população.

2.- Esta semana o Presidente da Assembleia Legislativa participou na Sessão Comemorativa do 25 de Abril na Assembleia da República e foi recebido pelo Presidente da República. Luís Garcia convidou Marcelo R. de Sousa a participar na comemoração dos 45 anos da Autonomia e informou o Presidente sobre a retoma do processo de aprofundamento autonómico.

Belém, entretanto, anunciou para este fim de semana uma visita relâmpago aos Açores e à Madeira, onde Marcelo terá encontros com os políticos regionais. Nada que não se pudesse efetuar através das plataformas digitais, com benefícios para o erário público.

Não valorizo qualquer dos assuntos, e julgo que a maioria dos açorianos também não.

Em criança, assisti à passagem meteórica do General Craveiro Lopes pelas Lajes do Pico, num automóvel preto, e os miúdos da escola, de pé e ao sol, aguardámo-lo durante horas, junto de um arco construído para o efeito, nem o termos visto. Foi uma desilusão que me vem à memória sempre que um governante continental nos visita.

Presidir a uma sessão celebrativa, sem a presença

do povo anónimo - tutela direta do poder democrático - dá projeção ao PR e aos políticos, pois não valoriza os Açores na agenda nacional, nem os açorianos residentes, nem os que se viram forçados a partir para outras latitudes, porque a Nação lhes negou uma vida digna.

Os açorianos são a maior valia do arquipélago, a açorianidade a sua alma mater. Foi através dela que conquistámos, com sofrimento e determinação, a Autonomia, a capacidade de escolhermos os nossos projetos, o nosso futuro coletivo, insular, atlântico e europeu.

Enquanto o aprofundamento do sistema Autonómico passar apenas por questões conjunturais do sistema como: a extinção do cargo de representante da República, pelo número de deputados, pela afirmação de competências entre os governo central e regional, os cidadãos não compreenderão a função de políticos e governantes, a quem cabe propor e abrir novos rumos para as gentes destas ilhas.

Os açorianos esperam que o Governo governe com inteligência, senso e equidade, tratando todas as ilhas por igual, em direitos e deveres, como afirma o Governo no seu programa, *Todos [são] igualmente importantes. Só a partir daqui*, salienta o Presidente da ALRA, *se pode construir uma Democracia saudável e solidária, em que todos são chamados a participar de forma empenhada na vida coletiva.*

Chegou a altura de os decisores nos apresentarem novas ideias e novos caminhos para o desenvolvimento integral e sustentável da humanidade, onde o ambiente, a natureza e as pessoas sejam o objetivo primeiro de uma sociedade alicerçada na liberdade, na justiça, na solidariedade e na paz.

*jornalista c.p. 239 A
<http://escritemdia.blogspot.com>